R. J. PALACIO

AUTORA DE EXTRAORDINÁRIO

UMA JORNADA SEM FIM

intrínseca

UMA JORN

R. J. PALACIO

ADA SEM FIM

Tradução de
Giu Alonso e Ulisses Teixeira

intrínseca

Copyright do texto © 2021 by R. J. Palacio
Imagem da página 156 licenciada por Shutterstock.com
Imagem da página 311, The Moon, copyright © 1857, by GettyI mages
Todas as outras imagens internas são cortesia da autora.

TÍTULO ORIGINAL Pony
PREPARAÇÃO Solaine Chioro e Marluce Faria
REVISÃO Thaís Carvas
DIAGRAMAÇÃO Larissa Fernandez e Leticia Fernandez
ARTE DE CAPA, PROJETO GRÁFICO E ILUSTRAÇÕES DE MIOLO Paula Cruz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P176j

Palacio, R. J., 1963-
Uma jornada sem fim / R. J. Palacio ; tradução Giu Alonso, Ulisses Teixeira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
336 p. ; 21 cm.

Tradução de: Pony
ISBN 978-65-5560-576-1

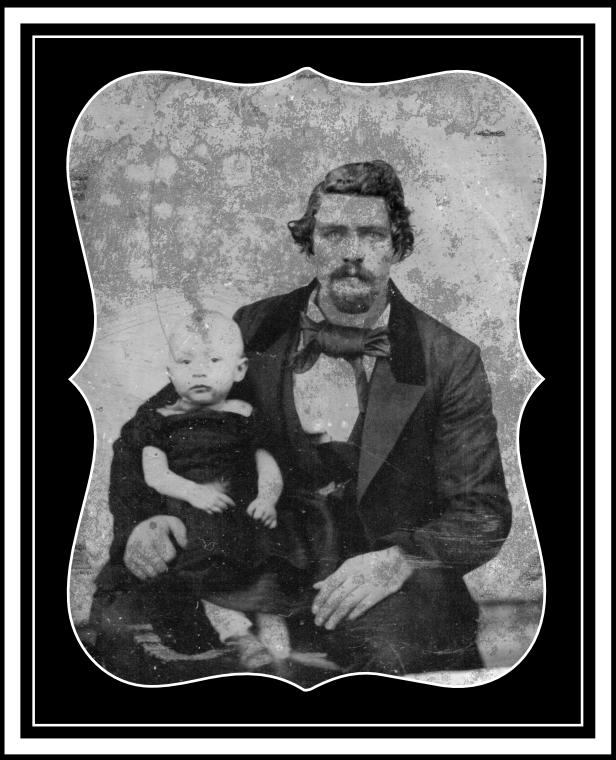
1. Ficção americana. I. Alonso, Giu. II. Teixeira, Ulisses. III. Título.

21-74528 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
intrinseca.com.br

Para minha mãe



Nossas naturezas não podem ser ditas...

— Margot Livesey

Eva Moves the Furniture

Passar bem, eu devo te deixar
E partir por um tempo.
Mas se dez mil milhas tiver que atravessar,
Eu voltarei, tens meu juramento.

Dez mil milhas, meu verdadeiro amor,
Dez mil milhas ou mais se eu me for.
E a terra há de se desfazer e os mares hão de queimar,
Se eu nunca mais retornar.

Ah, volte para mim, meu verdadeiro amor,
E fique comigo um momento.
Pois se um amigo tenho nesta terra,
Você foi para mim um alento.

— Anônimo
"Fare Thee Well"

UM

Saí de Ítaca para procurá-lo.

— François Fénelon

As aventuras de Telêmaco, 1699

BONEVILLE COURIER

27 de abril de 1858

Um garoto do campo, de dez anos de idade, que mora nos arredores de Boneville, foi visto recentemente caminhando em direção à sua casa, perto de um grande carvalho, quando uma tempestade violenta desabou. O menino se abrigou debaixo da árvore pouco antes de ela ser atingida por um raio, derrubando-o aparentemente sem vida no chão, com as roupas queimadas e fumegando. No entanto, a boa fortuna lhe sorriu naquele dia, pois seu engenhoso pai testemunhou o acidente e conseguiu revivê-lo com um fole para lareira. A criança se mostrou inalterada pela experiência, exceto por um souvenir peculiar: a imagem da árvore gravada em suas costas! Esse "daguerreótipo de relâmpago" é uma das várias ocorrências registradas nos últimos anos, tornando-se mais uma surpreendente curiosidade da ciência.

1

Minha experiência com o raio inspirou o Pai a se dedicar às ciências fotográficas, e foi assim que tudo começou.

O Pai sempre teve uma curiosidade natural pela fotografia, tendo nascido na Escócia, onde artes desse tipo se destacam. Ele se aventurou com daguerreótipos por um tempinho antes de se estabelecer em Ohio, uma região rica em nascentes de água salgada (das quais vem o agente brometo, um componente essencial para o processo de revelação). Mas os daguerreótipos eram um empreendimento caro que trazia pouquíssimo lucro, e o Pai não podia arcar com as despesas. *As pessoas não têm dinheiro para comprar lembrancinhas delicadas*, argumentou. E assim ele virou sapateiro. *As pessoas sempre precisam de botas*, disse. A especialidade do Pai eram botas de cano médio em couro granulado, às quais ele acrescentava um compartimento secreto no salto para guardar tabaco ou canivete. Essa vantagem era extremamente apreciada pelos clientes, então as encomendas garantiam muito bem nosso sustento. O Pai trabalhava na oficina ao lado do celeiro, e uma vez por mês levava as botas para Boneville em uma carroça puxada por Burro, nosso burro.

Mas, depois que o raio marcou a imagem do carvalho nas minhas costas, o Pai voltou novamente a atenção para a ciência da fotografia. Ele acreditava que a imagem na minha pele tinha sido provocada pelas mesmas reações químicas presentes na fotografia. *O corpo humano*, ele me explicou enquanto eu o observa-

va misturar substâncias químicas que fediam a ovo podre e vinagre de cidra, *é um receptáculo cheio das mesmas substâncias misteriosas, sujeito às mesmas leis da física, que o resto do universo. Se uma imagem pode ser preservada pela ação do relâmpago no seu corpo, ela pode ser preservada pela mesma ação no papel*. É por isso que seu foco não estava mais em daguerreótipos, e sim em uma nova forma de fotografia que envolvia papel mergulhado em uma solução de sal e ferro, para o qual era transferida, através da luz do sol, uma imagem positiva de um negativo de vidro.

O Pai logo dominou o novo tipo de ciência e se tornou um mestre reconhecido no chamado *processo de colódio úmido*, uma forma de arte raramente vista nessa região. Era uma técnica ousada, que exigia grandes experimentações e gerava imagens sublimes em sua beleza. Os *ferrótipos* do Pai, como ele os chamava, não tinham a precisão dos daguerreótipos, mas exibiam sombras sutis que os faziam parecer desenhos a carvão. Ele inventou uma fórmula para a emulsão, que era onde o brometo entrava, e fez um pedido de patente antes de abrir um estúdio em Boneville, na mesma rua do tribunal. Em pouquíssimo tempo, seus retratos em papel coberto por sais de ferro viraram febre nessas bandas, não só por serem infinitamente mais baratos que os daguerreótipos, mas porque podiam ser reproduzidos muitas e muitas vezes a partir de um único negativo. Para torná-los ainda mais atraentes, e para cobrar um tantinho a mais, o Pai os tingia com uma mistura de ovo batido e pigmento colorido, o que lhes

dava uma aparência incrivelmente vívida. As pessoas vinham de toda parte atrás dos retratos. Uma senhora chique veio lá de Akron para uma sessão. Eu ajudava no estúdio do Pai, ajeitando a claraboia e limpando as placas de foco. Às vezes, o Pai até me deixava polir as novas lentes de cobre para retrato, que foram um grande investimento e exigiam delicadeza no manuseio. Nossas circunstâncias mudaram tanto, a do Pai e a minha, que ele estava pensando em vender seu negócio de sapateiro, pois falava que preferia de longe *o cheiro da mistura das poções ao fedor de pés alheios.*

Foi nessa época que três homens a cavalo e um pônei de cara branca nos visitaram de madrugada, transformando as nossas vidas para sempre.

2

Mittenwool me despertou do sono profundo naquela noite.

— Silas, acorde agora. Alguns homens estão se aproximando a cavalo — anunciou.

Eu estaria mentindo se dissesse que despertei de pronto pela urgência do chamado. Não foi o que aconteceu. Simplesmente resmunguei algo e me virei na cama. Ele me deu um cutucão forte, o que não é pouca coisa se tratando dele. Fantasmas não conseguem manipular o mundo material com facilidade.

— Me deixa dormir — respondi, rabugento.

Em seguida, ouvi Argos uivando desesperadamente lá embaixo e o Pai pegando o rifle. Olhei pela pequena janela ao lado da minha cama, mas era uma noite de escuridão total, e não consegui ver nada.

— São três — disse Mittenwool, olhando a janela por cima do meu ombro.

— Pai? — chamei, pulando do mezanino. Ele estava a postos, já de botas, observando pela fresta da porta.

— Fique abaixado, Silas — ordenou.

— Quer que eu acenda o lampião?

— Não. Você viu os homens pela janela? Quantos são? — perguntou o Pai.

— Eu mesmo não vi, mas o Mittenwool disse que são três.

— Com armas em punho — completou Mittenwool.

— E estão com armas em punho — repeti. — O que eles querem, Pai?

Ele não respondeu. Já podíamos ouvir o galope se aproximando. O Pai abriu uma frestinha na porta, com o rifle a postos. Vestiu o casaco e se virou para mim.

— Não venha atrás, Silas. Não importa o que aconteça — disse com a voz firme. — Se houver algum problema, você vai correndo para a casa do Havelock. Saia pelos fundos e atravesse a plantação. Ouviu?

— O senhor não vai sair, vai?

— Segure o Argos — foi a sua resposta. — Mantenha ele aqui.

Coloquei a coleira em Argos.

— O senhor não vai sair, vai? — perguntei de novo, assustado.

Ele não me respondeu. Em vez disso, abriu a porta e foi para o alpendre, mirando o rifle na direção dos cavaleiros. Era um homem corajoso, meu Pai.

Puxei Argos para perto, então andei cautelosamente até a janela da frente e dei uma olhada para fora. Vi o grupo se aproximando. Três homens a cavalo, como Mittenwool tinha dito. Atrás de um deles vinha um quarto cavalo, um garanhão preto imenso, e a seu lado, um pônei com o rosto branco feito leite.

Os sujeitos diminuíram a velocidade ao chegarem perto da casa, em respeito ao rifle do Pai. O líder dos três, um homem com um longo casaco amarelo em um cavalo malhado, ergueu os braços em gesto de paz ao parar sua montaria.

— Opa — disse para o Pai, a pouco mais de dez metros do alpendre. — O senhor pode baixar a arma, amigo. Venho em paz.

— Baixe as suas primeiro — respondeu o Pai, com o rifle apoiado no ombro.

— As minhas? — O homem olhou dramaticamente para as mãos vazias, depois para o lado direito e esquerdo, fingindo só perceber naquele momento as armas empunhadas pelos companheiros. — Larguem isso, rapazes! Vocês estão causando uma péssima impressão. — Ele se virou para o Pai de novo. — Sinto muito por isso. Eles não vão fazer mal a ninguém. É só força do hábito.

— Quem são vocês? — perguntou o Pai.

— O senhor é Mac Boat?

O Pai balançou a cabeça em sinal negativo.

— Quem são vocês? Por que estão fazendo esse escarcéu no meio da noite?

O homem de casaco amarelo não parecia nem um pouco assustado com o rifle do Pai. Eu não conseguia vê-lo muito bem no escuro, mas me pareceu ser menor que o Pai (que era um dos homens mais altos de Boneville), e mais novo também. Ele usava um chapéu-coco típico de cavalheiros, mas, pelo visto, estava longe de ser um. Parecia um bandido com barba pontuda.

— Ora, ora, não fique nervoso — disse o homem com uma voz bem-humorada. — Eu e meus rapazes planejávamos chegar no raiar do sol, mas acabamos vindo mais rápido do que o previsto. Meu nome é Rufe Jones, e estes são Seb e Eben Morton. Nem tente diferenciá-los, é impossível. — Só então percebi que os dois grandalhões eram cópias idênticas um do outro. Usavam o mesmo chapéu com faixas largas, que cobria a testa de seus rostos redondos. — Viemos trazer uma proposta interessante do nosso chefe, Roscoe Ollerenshaw. O senhor já ouviu falar dele, imagino?

O Pai não respondeu.

— Bom, o sr. Ollerenshaw já ouviu falar do senhor, Mac Boat — continuou Rufe Jones.

— Quem é Mac Boat? — sussurrou Mittenwool para mim.

— Eu não conheço Mac Boat nenhum — disse o Pai por trás do rifle. — Meu nome é Martin Bird.

— É claro — Rufe Jones respondeu rapidamente, assentindo. — Martin Bird, o fotógrafo. O sr. Ollerenshaw conhece bem o seu trabalho! É por isso que estamos

aqui. Ele tem uma proposta para fazer ao senhor. Viemos de muito longe para encontrá-lo. Será que poderíamos entrar um pouco? Cavalgamos a noite toda. Meus ossos estão congelados.

Ele ergueu a gola do casaco amarelo para ilustrar o argumento.

— Se quiserem falar de negócios, podem aparecer no meu estúdio durante o expediente, como qualquer homem civilizado faria — disse o Pai.

— Ora, mas por que usar esse tom comigo? — perguntou Rufe Jones, como se estivesse perplexo. — A natureza do nosso negócio exige certa privacidade, é só isso. Não pretendemos fazer mal nenhum ao senhor, nem ao seu menino, Silas. É ele escondido na janela ali atrás, não é?

Engoli em seco, não vou mentir, e afastei a cabeça da janela. Mittenwool, que estava atrás de mim, me empurrou para me abaixar ainda mais.

— Vocês têm cinco segundos para sair da minha propriedade — avisou o Pai, e eu percebi em sua voz que ele estava falando sério.

Mas Rufe Jones não deve ter ouvido o tom ameaçador, pois começou a rir.

— Ora, ora, não se aflija assim. Sou apenas o mensageiro! — respondeu ele calmamente. — O sr. Ollerenshaw nos mandou aqui para buscá-lo, e é isso que vamos fazer. Como eu falei, ele não pretende fazer mal algum ao senhor. Na verdade, só quer ajudá-lo. Ele me pediu para avisar que o senhor pode ganhar um bom dinheiro com isso. *Uma pequena fortuna* foram suas pa-

lavras exatas. Por um incômodo bem pequeno para o senhor. Somente uma semana de trabalho, e será um homem rico. Até trouxemos cavalos para a família! Um belo grandalhão para o senhor, e um pequenino para o seu filho. O sr. Ollerenshaw é uma espécie de colecionador de cavalos, então saiba que é uma honra ter acesso a suas montarias de primeira linha.

— Não estou interessado. Agora vocês têm três segundos para ir embora — respondeu o Pai. — Dois...

— Está bem, está bem! — exclamou Rufe Jones, balançando as mãos no ar. — Vamos embora. Não se preocupe. Vamos, pessoal.

Ele puxou as rédeas do cavalo e deu meia-volta. Os irmãos fizeram o mesmo, levando os outros dois cavalos. Eles começaram a seguir devagar pela noite, se afastando da casa. No entanto, depois de alguns passos, Rufe Jones parou. Esticou os braços para os lados, como se estivesse em uma cruz, para mostrar que ainda estava desarmado. Então, olhou para o Pai por cima do ombro.

— Mas vamos voltar amanhã — garantiu —, com mais gente ainda. Para falar a verdade, o sr. Ollerenshaw não desiste fácil. Eu vim em paz hoje, mas não posso prometer o mesmo para amanhã. O sr. Ollerenshaw, bem, quando ele quer alguma coisa...

— Vou chamar o xerife — ameaçou o Pai.

— Vai mesmo, sr. *Boat*? — perguntou Rufe Jones. Sua voz parecia mais ameaçadora, sem a leveza de antes.

— Meu nome é Bird — afirmou o Pai.

— Certo. Martin Bird, fotógrafo de Boneville, que vive no meio do nada com o filho, Silas *Bird*.

— É bom você dar o fora daqui — retrucou o Pai.

— Tudo bem — respondeu Rufe Jones, mas não esporeou o cavalo.

Eu estava assistindo a tudo isso sem respirar, com Mittenwool ao meu lado. Alguns segundos se passaram. Ninguém se moveu ou disse uma palavra.

3

— O problema é o seguinte — recomeçou Rufe Jones, os braços ainda abertos. O tom cantarolado voltou à sua voz. — Seria uma chateação ter que passar por todos esses campos, atravessar a Floresta, para voltar amanhã com mais uma dúzia de homens armados até os dentes. Só Deus sabe o que pode acontecer com um monte de armas apontadas para tudo que é lado. Você me entende. Tragédias podem acontecer. Mas se vier conosco hoje, sr. Boat, podemos evitar toda essa complicação terrível.

Ele ergueu as mãos, as palmas viradas para o céu.

— Não vamos estender essa conversa — continuou. — Você e o seu menino vão fazer um passeio divertido nestes belos cavalos. E traremos vocês de volta em uma semana. Essa é uma promessa solene do homem em pessoa. Ele me falou para dizer exatamente isso, aliás. Para usar a palavra *solene*. Vamos, é uma boa proposta de negócio, Mac Boat! O que me diz?

Eu vi o Pai, com o rifle ainda apontado para o homem, o dedo ainda no gatilho, trincar os dentes. Sua expres-

são naquele momento era desconhecida para mim. Não reconheci os ângulos tensos de seu corpo.

— Eu não sou Mac Boat — respondeu devagar. — Sou Martin Bird.

— Sim, é claro, sr. *Bird*! Minhas sinceras desculpas — disse Rufe Jones, sorrindo. — Qualquer que seja seu nome, o que me diz? Vamos evitar problemas. Baixe o rifle e venha conosco. É só por uma semana. E você vai voltar um homem rico.

O Pai hesitou por um longo segundo. Para mim, era como se todo o tempo do mundo estivesse contido naquele único instante. E estava mesmo, de certa forma, pois naquele momento minha vida mudou para sempre. O Pai baixou a arma.

— O que ele está fazendo? — sussurrei para Mittenwool.

De repente, senti mais medo do que me lembro de já ter sentido. Era como se meu coração tivesse parado. Como se o mundo inteiro tivesse prendido a respiração.

— Certo, eu vou com vocês — concordou o Pai baixinho, interrompendo a quietude da noite como um trovão. — Mas só se vocês deixarem meu filho fora disso. Ele fica aqui, em segurança. Não vai falar nada disso com ninguém. Ninguém nem passa por essas bandas. E eu volto em uma semana. Você disse que tenho a promessa solene de Ollerenshaw. Nem um dia a mais.

— Hum, não sei — resmungou Rufe Jones, balançando a cabeça. — O sr. Ollerenshaw me falou para levar vocês dois. Ele foi bem específico.

— Como eu disse — respondeu o Pai, com a voz decidida —, é a única forma de eu ir em paz com vocês esta noite. Ou então a situação vai *mesmo* se complicar, seja aqui e agora, seja da próxima vez que vocês aparecerem. Tenho uma boa pontaria. Não paguem para ver.

Rufe Jones tirou o chapéu-coco e esfregou a testa. Olhou para os companheiros, mas eles não falaram nada, ou talvez tenham dado de ombros. Era difícil enxergar qualquer coisa além dos rostos redondos e pálidos naquela escuridão.

— Tudo bem, tudo bem, vamos manter a situação pacífica — concordou Rufe Jones. — Então só você vem conosco. Mas precisamos partir agora. Jogue sua arma para cá. Vamos acabar com isso.

— Você pode ficar com ela quando chegarmos à Floresta. Antes disso, não.

— Certo, mas vamos logo.

O Pai assentiu.

— Vou pegar minhas coisas — anunciou.

— Ah, não! Não estou com paciência para truques — respondeu Rufe Jones. — Vamos partir agora! Suba neste cavalo aqui e vamos embora *agora*, ou cancelo nosso acordo.

— Não, Pai! — gritei, correndo para fora.

O Pai se virou para mim com aquela expressão, que, como falei, eu desconhecia. Era como se ele tivesse visto o diabo. Seu rosto me assustou. Os olhos estreitos como fendas.

— Fique lá dentro, Silas — ordenou, apontando para mim. Sua voz era tão ríspida que fiquei paralisado na

porta. Nunca na vida ele tinha falado assim comigo. — Vou ficar bem. Mas você não deve sair desta casa por nada. Volto em uma semana. Tem comida suficiente para você até lá. Você vai ficar bem. Está me ouvindo?

Não falei nada. Não conseguiria nem se tentasse.

— Está me ouvindo, Silas? — repetiu ele, mais alto.

— Mas, Pai... — implorei, com a voz trêmula.

— Tem que ser assim — respondeu ele. — Você vai ficar em segurança aqui. A gente se vê em uma semana. Nem um dia a mais. Agora volte logo para dentro.

Obedeci.

Ele foi até o grande cavalo preto, montou e, sem olhar de novo para mim, virou o animal e saiu galopando. Em instantes, eles desapareceram na vasta noite.

Foi assim que meu pai começou a trabalhar para uma gangue infame de falsificadores, embora eu não soubesse disso na época.

4

Nem sei quanto tempo fiquei parado na porta, observando o cume no qual o Pai tinha desaparecido. O suficiente para ver o céu começar a clarear.

— Vem sentar, Silas — chamou Mittenwool gentilmente.

Balancei a cabeça. Estava com medo de tirar os olhos daquele ponto ao longe. Temia que, se o perdesse de vista, nunca o encontraria de novo. Os campos em tor-

no da nossa casa são planos para todos os lados. A única exceção é aquele cume, que se ergue lentamente a leste e então volta a descer na Floresta, um emaranhado de árvores antigas cercado de arbustos fechados e resistentes, pelo qual nem a menor das carroças conseguiria passar. É o que dizem, pelo menos.

— Vem sentar, Silas — repetiu Mittenwool. — Não podemos fazer nada agora. Só nos resta esperar. Ele volta em uma semana.

— Mas e se não voltar? — sussurrei, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Ele vai voltar, Silas. O Pai sabe o que está fazendo.

— O que aqueles homens querem com ele? Quem é o sr. Oscar Ren-sei-lá-o-quê? Quem é esse tal de Mac Boat? Não consigo entender o que aconteceu.

— Tenho certeza de que o Pai vai explicar tudo quando voltar. Você só precisa esperar.

— Uma semana inteira! — A essa altura, as lágrimas já tinham borrado minha visão, me fazendo perder o ponto em que o Pai tinha sumido de vista. — Uma semana inteira!

Eu me virei para Mittenwool. Ele estava sentado ao lado da mesa, apoiando os cotovelos nos joelhos. Parecia preocupado, embora tentasse não demonstrar.

— Você vai ficar bem, Silas — assegurou ele. — Estou aqui com você. E o Argos também. Vamos te fazer companhia. Vai dar tudo certo. E logo, logo o Pai vai estar de volta.

Baixei os olhos para Argos, enroladinho na caixa de doces que usa como cama. Ele era um vira-lata aguerrido, de uma orelha só e pernas fracas.

Então olhei de volta para Mittenwool, que tentava me passar confiança com suas sobrancelhas erguidas. Já mencionei que Mittenwool é um fantasma, mas não sei se essa é a definição certa para ele. Espírito. Aparição. Não tenho a palavra exata. O Pai acha que é um amigo imaginário ou coisa assim, mas sei que não é isso. Mittenwool é tão real quanto a cadeira em que está sentado, a casa em que moramos e o meu cachorro. O fato de que ninguém além de mim consegue vê-lo ou ouvi-lo não significa que não seja real. Enfim, se você pudesse vê-lo ou ouvi-lo, diria que é um garoto de uns dezesseis anos, alto, magro e de olhos brilhantes, com cabelo escuro desgrenhado e uma risada gostosa. Ele me acompanha desde que me entendo por gente.

— O que eu vou fazer? — perguntei, sem fôlego.

— Você vai sentar aqui — respondeu ele, dando um tapinha na cadeira perto da mesa. — Vai preparar o café da manhã. Vai encher a barriga com um café quente. Depois, quando estiver pronto, a gente avalia a situação. Vamos dar uma olhada nos armários, checar a comida e separar tudinho para os sete dias, de modo que nada acabe antes do tempo. Aí vamos ordenhar a Mu, colher os ovos e dar um pouco de feno para o Burro, como fazemos toda manhã. É *isso* que vamos fazer, Silas.

Eu me sentei à sua frente enquanto ele falava. Mittenwool se inclinou na minha direção.

— Vai ficar tudo bem — garantiu com um sorriso tranquilizador. — Você vai ver.

Eu assenti, já que ele estava se esforçando para me consolar e eu não queria decepcioná-lo, mas, no fundo, sentia que não ia ficar tudo bem. E eu estava certo. Porque depois que ordenhei a Mu, cuidei das galinhas, alimentei o Burro, fiz uns ovos fritos para mim e peguei água no poço, depois que esvaziamos a despensa para ver o que tinha de comida, separando uma porção para cada dia da semana, e depois que varri o chão, cortei a lenha e fiz bolinhos que eu acabaria nem comendo por não sentir fome, só um aperto no estômago de tanto segurar minhas lágrimas, eu olhei pela janela e vi o pônei de cara branca na frente de casa.

5

Ele não era tão pequeno de dia quanto pareceu ser à noite. Talvez os outros cavalos em volta dele fossem especialmente grandes, não sei. Mas nesse momento, pastando ao lado do carvalho queimado, o pônei parecia ter o tamanho de um cavalo comum. Seu pelo preto brilhava no sol, e seu pescoço era arqueado e musculoso, coroado com aquela cabeça branca que lhe dava um aspecto muito peculiar.

Saí de casa e olhei por toda parte. Não havia nenhum sinal do Pai nem dos homens que o haviam levado. Os campos distantes estavam silenciosos como sempre. Tinha chovido um pouco no fim da manhã, mas o céu já estava limpo, exceto por algumas poucas nuvens compridas que se esticavam como fumaça.

Mittenwool me seguiu até o pônei. Em geral, os animais ficam assustados perto dele, mas esse só o observou com curiosidade enquanto nos aproximávamos. O pônei tinha longos cílios negros e um focinho pequeno. Olhos azul-claros, bem separados como os de um cervo.

— Ei, camarada — falei baixinho, erguendo a mão com cuidado para dar um tapinha no seu pescoço. — O que você está fazendo aqui?

— Acho que ele não conseguiu acompanhar os cavalos grandes — sugeriu Mittenwool.

— Foi isso que aconteceu com você? — perguntei ao pônei, que virou a cabeça para me observar. — Você ficou para trás? Ou eles te abandonaram?

— Ele é uma criatura estranha.

Havia algo no jeito como o pônei me encarava. Era um olhar tão direto que me comoveu.

— Eu acho ele lindo.

— Tem um rosto de caveira.

— Você acha que ele foi mandado para me buscar? — perguntei. — Os homens queriam que eu fosse junto com o Pai. Talvez tenham mudado de ideia sobre me deixar aqui.

— Como o pônei saberia vir para cá?

— Não sei, só estou especulando — respondi, dando de ombros.

— Veja se tem algo no alforje.

Estiquei a mão devagarinho para ver o que havia na bolsa, temendo assustar o pônei. No entanto, o animal continuou a me observar calmamente, sem medo ou timidez.

O alforje estava vazio.

— Talvez Rufe Jones tenha mandado um dos irmãos para me buscar — falei. — E o homem trouxe o pônei para mim, mas aí aconteceu alguma coisa com ele... Foi derrubado do cavalo ou algo assim? E o pônei continuou sem ele?

— Acho que é possível, mas ainda não explica como ele saberia voltar para cá.

— Provavelmente só seguiu o mesmo caminho que fez ontem à noite — argumentei, porém, antes de terminar a frase, outra coisa me ocorreu. — Ou talvez tenha sido o Pai! — arquejei. — Mittenwool! Talvez o Pai tenha fugido daqueles homens e estivesse voltando naquele cavalão preto, mas foi derrubado... e o pônei continuou!

— Não, não faz sentido.

— Por que não? Pode ter sido isso! O Pai pode estar caído em algum lugar na Floresta! Eu tenho que encontrá-lo!

Comecei a colocar o pé no estribo, mesmo descalço, mas Mittenwool parou na minha frente.

— Ei, devagar aí. Vamos pensar nisso racionalmente, está bem? — disse ele com firmeza. — Se seu pai tivesse fugido daqueles homens, ele não teria arrastado esse pônei também. Teria disparado a toda velocidade para voltar o mais rápido possível. Então o que você está falando não faz muito sentido, entende? O que *faz* sentido é que o pônei acabou se perdendo na Floresta e veio parar aqui. Então vamos pegar um pouco de água para ele, porque o bicho deve estar moído, e depois vamos voltar para casa.

— Mittenwool — falei, balançando a cabeça, pois muitas coisas me ocorreram enquanto ele falava. E esses pensamentos soavam como um apelo na minha mente. — Por favor, me escuta. Acho que esse pônei estar aqui… é um sinal. Acho que ele voltou para me buscar. Não sei se o Pai o mandou, ou até mesmo Deus, mas é um sinal. Eu tenho que procurar o Pai.

— Por favor, Silas. Um sinal?

— Sim, um sinal.

— *Pfft* — fez ele, duvidando.

— Acredite no que quiser.

Coloquei o pé novamente no estribo.

— O Pai mandou você esperar aqui até ele voltar! *Não saia desta casa por nada.* Foi o que ele disse. E é isso que você precisa fazer. Ele vai voltar em uma semana. Você só tem que ser paciente.

Por um momento, minha determinação vacilou. Tudo estava tão claro um segundo antes, mas Mittenwool às vezes tinha esse efeito sobre mim. Ele conseguia me fazer mudar de ideia, duvidar das minhas percepções.

— Além disso, você nem sabe andar a cavalo — completou ele.

— É claro que sei! Eu ando no Burro o tempo todo.

— O Burro é mais um jumento do que um cavalo, vamos ser sinceros. E você também está sendo meio jumento agora. Vamos lá para dentro.

— Você que é o jumento.

— Vamos, Silas. Vamos voltar para casa.

Sua insistência quase me convenceu a abandonar meu plano. Para dizer a verdade, eu só tinha andado a

cavalo umas duas vezes na vida, e em ambas eu ainda era tão pequeno que o Pai precisou me colocar na sela.

Mas aí o pônei bufou, as narinas se abrindo, e de alguma forma eu entendi isso como um convite para montar. Com o pé descalço ainda no estribo, eu rapidamente me ergui para a sela. No entanto, quando tentei jogar a perna para o outro lado, meu pé escorregou na faixa de couro e eu caí de costas na lama. O pônei soltou um relincho curto e abanou o rabo.

— Droga! — gritei, batendo as mãos no barro. — Droga! Droga!

— Silas — chamou Mittenwool gentilmente.

— Por que ele me deixou? — choraminguei. — Por que ele me deixou aqui sozinho?

Mittenwool se abaixou ao meu lado.

— Você não está sozinho, Silas.

— Estou, sim! — respondi, sentindo uma lágrima grossa correr de maneira repentina, desavisada, pela minha bochecha esquerda. — Ele me deixou aqui sozinho, e eu não sei o que fazer!

— Me escuta, Silas. Você não está sozinho. Ouviu? Eu estou aqui. Você sabe disso.

Mittenwool estava me encarando diretamente quando falou essas palavras.

— Eu sei, mas... — Hesitei, enxugando o rosto com as costas da manga. Estava com dificuldade de encontrar as palavras certas. — Mas... Mittenwool, eu não posso ficar aqui. Não posso. Alguma coisa está me dizendo para procurar o Pai. Sinto no fundo do meu coração. Preciso procurá-lo. O pônei veio me buscar. Você não vê? Ele veio me buscar.

Mittenwool suspirou e baixou os olhos, balançando a cabeça.

— Eu sei que parece doido — completei. — Meu Deus, talvez eu seja doido *mesmo*. Estou aqui, no meio da lama, discutindo com um fantasma sobre um pônei que surgiu do nada. Com certeza parece doideira!

Mittenwool fez uma careta. Eu sabia que ele não gostava da palavra *fantasma*.

— Você não é doido — disse ele baixinho.

Eu o encarei, implorando com o olhar.

— Vou só até o limite da Floresta. Prometo não passar disso. Se eu partir agora, consigo voltar antes de escurecer. São só umas duas horas de viagem, né?

Mittenwool olhou ao longe, para o cume. Eu sabia no que ele estava pensando. Talvez eu estivesse pensando na mesma coisa. Eu tinha pavor da Floresta desde pequeno. O Pai tentou me levar lá para caçar uma vez, quando eu tinha uns oito anos, e eu literalmente desmaiei de medo. Sempre vi todo tipo de formas malignas em árvores. Acho que não é mera coincidência que eu tenha sido atingido por um raio quando estava perto de um carvalho.

— E o que você vai fazer quando chegar à Floresta? — rebateu Mittenwool. — Vai dar uma olhada, dizer tchauzinho e voltar para casa? Qual é o sentido disso?

— Pelo menos vou ter certeza de que o Pai não está tão perto daqui que eu poderia ter ajudado. Vou ter certeza de que não está caído numa vala por aqui, em perigo ou machucado ou… — Minha voz falhou. Eu olhei para ele. — Por favor, Mittenwool. Eu preciso ir.

Ele virou o rosto e ficou de pé, mordendo o lábio inferior. Mittenwool sempre fazia isso quando estava pensando.

— Está bem — disse, enfim, com um tom pesaroso. — Você ganhou. Não adianta discutir com uma pessoa que sente algo no fundo do coração.

Abri a boca para falar.

— Mas você não vai sair por aí descalço! — interrompeu ele. — Ou sem casaco. E esse pônei precisa de água. Então uma coisa de cada vez. Vamos levar o bicho até o cocho, dar um pouco de aveia para ele e preparar alguns suprimentos para você. Depois disso, tudo bem, vamos até o limite da Floresta procurar o Pai. Combinado?

Eu sentia minha pulsação vibrando nas orelhas.

— Isso significa que você vem comigo? — perguntei. Não tive coragem de pedir.

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu.

— Mas é claro que vou com você, seu bobalhão.

O mundo é cheio de mistérios. Em 1860, aos doze anos, Silas Bird sabe bem disso: um raio lhe deixou com uma cicatriz de árvore nas costas, e seu melhor amigo, Mittenwool, é um fantasma. Órfão de mãe, o garoto passa os dias fascinado com os projetos e as histórias do pai, um sapateiro e pioneiro da fotografia, com quem mora nos arredores de uma pacata cidadezinha.

Até que, certa madrugada, três forasteiros trazem uma estranha proposta para o pai, que se vê intimado a partir com os criminosos e manda o filho esperá-lo em casa. Assustado e impotente, Silas é deixado para trás e se desespera com a ideia de estar sozinho no mundo.

Porém, ao encontrar um misterioso pônei preto de rosto branco, o garoto sente em seu coração o que precisa fazer. O animal parece saber para onde ir, e assim eles dão início a uma perigosa jornada pelas florestas, ravinas e pântanos do Oeste americano — repletos de fantasmas e caubóis — que vai conectar Silas ao próprio passado e futuro e ensiná-lo que, na verdade, nunca estamos sós.

Com uma bela seleção de fotografias de época, além de capa, projeto gráfico e ilustrações exclusivas da edição brasileira, a primeira obra de R. J. Palacio fora do universo de *Extraordinário* é uma história tocante sobre coragem, o poder da amizade e os laços invisíveis que conectam todos nós.

SAIBA MAIS:

https://www.intrinseca.com.br/livro/1180/